

CRIAÇÃO DRAMATURGICA

DIFRÚCIO

Francis Wilker (BR)

DIFRÚCIO

Porto, maio/junho de 2022
Francis Wilker

Ação I – frase nas janelas

[o público aguarda do lado de fora da sala e observa a frase abaixo ser escrita nas janelas, o performer está dentro da sala]

Janela 1 – Você **será** então

Janela 2 – só aquilo de que eles

Janela 3 – se lembram

Ação II – As marcas que carregamos

[o performer vestido como Peter Pan abre a porta lentamente, olha as pessoas com curiosidade, pode se encostar num lado da porta etc]

Boa noite, sejam bem vindos e bem vindas à sala L da Central Elétrica. Fiz um chá para receber vocês, vamos entrando, fiquem à vontade e não reparem na desordem. Estou trabalhando nessa sala há três semanas, é a primeira residência artística para desenvolver essa pesquisa e estou muito feliz que vocês tenham vindo partilhar comigo essa gestação.

[vai ajudando as pessoas a se acomodarem no primeiro ambiente e serve chá num clima descontraído com as pessoas]

Alguém aqui tem alguma marca, sinal ou cicatriz nos pés? *[aguarda ver se respondem, caso ninguém tenha, pode escolher alguém aleatoriamente]* Eu posso lavar seus pés? Juro que a água está bem quentinha. *[ajoelha-se e lava os pés de alguém do público]*. Como aconteceu essa marca/cicatriz nos seus pés? *[pessoa conta, performer interage e aos poucos vai entrando na história de Ulisses]*

Alguém aqui já ouviu falar em uma mulher chamada Euricléia? Um homem retorna à sua cidade 20 anos depois, se disfarça de velho, todo sujo como uma pessoa que vive na rua. Ele vai até o palácio, Euricléia, a ama, vai então lavar seus pés e ao ver uma cicatriz reconhece que aquele homem é Ulisses. Vejam, Euricléia é a única pessoa, em toda a cidade, que o reconhece a partir de uma marca, um vestígio, um rastro....que foi inscrito no corpo do Ulisses quando ele ainda era criança. Contam que saiu para caçar com o avô e foi ferido por um javali. Quantos sinais o seu corpo, o dele, o dela, vai carregando ao longo do tempo?

[pega o sapatinho] um dia eu cabia aqui! Minha avó, Maria Isabel, guardou esse sapatinho, hoje eu estou com 43 anos e quando toco neles, é como se passasse as minhas mãos no marco-zero de uma cidade! *[pega uma foto]* vejam essa foto, cá estou eu com os sapatinhos e um vestido rosa que já não existe mais. Eu adoro essa imagem porque é um menino de vestido, uma espécie de mito de origem!

[Coloca o sapatinho num ponto do espaço e caminha até um ponto oposto].

Já imaginou tudo que está marcado no meu corpo de lá até aqui?

[*olha o espaço*] Rachaduras, manchas, um pino no meio da parede. Há quase 100 anos esse lugar foi a central termoelétrica do Freixo. [*mostra foto antiga*]. A companhia Circolando chegou aqui bem depois, em 2005 [*mostra foto*]. Praticamente tudo aqui pode ter sido parte do cenário de algum espetáculo. Essas madeiras faziam parte da peça **Rio dos Sonos**, mesmo a peça não estando mais nos palcos, ela continua aquecendo pessoas nas noites de frio. É tanta coisa que esse espaço já viveu de lá [*aponta a foto antiga*] até nos encontrarmos aqui essa noite.

São tantos percursos do tempo nesse chão, nos seus olhos, nas paredes, nas suas mãos.

[*aponta para a própria fantasia*]

Quando eu era miúdo, ficava contando quanto tempo faltava para chegar aos 18 anos. Sonhava com o dia em que seria maior de idade, dono de mim e das minhas escolhas. Quando cheguei próximo dos 40 foi diferente, a passagem do tempo trouxe outros sinais, uma sensação muito concreta de ter chegado ao meio do caminho. Você olha para trás dando sentido ao que foi vivido, você pode até se orgulhar do rastro de vida atrás de si... e olha pra frente sem saber o que te espera, mas, sabendo que acaba. Não é que antes não podia acabar, pode acabar a qualquer momento...mas, ao chegar no meio do caminho, a gente se pergunta: se me restarem mais 40 anos, como gostaria de vive-los? A constatação de que o tempo é uma força que nada nem ninguém pode conter, ele entra pelas brechas sem ter sido convidado. Alguns até tentam adiar o envelhecimento, lembram do Peter Pan? No início desse processo eu fazia tudo isso vestido de Peter Pan, agora só sobrou esse chapéu e a camisa, foi o mais perto que consegui chegar dele. Tem uma dualidade nessa figura que é muito interessante: por um lado, simboliza a recusa em crescer, envelhecer, lidar com as responsabilidades da vida e as marcas do tempo; por outro, é uma energia ligada a imaginação, a criatividade, à nossa capacidade de criar coisas novas, inspirado no Pã, o ser da mitologia grega que toca sua flauta ao lado das ninfas.

Será que o alto índice de procedimentos estéticos, de cirurgias plásticas, de aplicação de botox, mesmo entre as pessoas mais jovens, é uma tentativa de adiar o envelhecimento o quanto for possível? Peter Pan não quer colecionar as marcas do tempo impressas no próprio corpo? Será que os dados da nuvem também envelhecem e morrem? O fetiche da vida digital, os arquivos formados por algoritmos, iCloud, drive, HD, cada dia um novo aplicativo, uma nova ferramenta: melhor, mais veloz, mais jovem, mais produtiva...tudo isso é como um novo mito da imortalidade, da permanência? Os jovens capitalistas do Vale do Silício brincam de Peter Pan o tempo todo? Tentam salvar tudo do tempo, sem o ruído do corpo, o ruído da matéria, o ruído da morte?

Talvez, Peter Pan não queira crescer e envelhecer porque tem medo de desaparecer.... Alguém aqui conhece essa palavra?

[*escreve no vidro da porta a palavra DIFRÚCIO – caso alguém conheça, pede para explicar o que significa*]

O meu avô, Jerônimo, sempre usava essa palavra quando estava resfriado, dizia “o difrúcio me pegou”. Até hoje foi a única pessoa na minha vida que disse essa palavra. Percebem, até as palavras morrem? Quantas palavras nem chegaram até nós?

Quantas grupos indígenas perderam a vida e as palavras? Na minha história a palavra difrúcio morreu com o meu avô. É tanta coisa que morre com quem morre, né? Acabo de dizer essa frase e já estou me questionando: morre mesmo? Porque eu ainda carrego essa palavra e carrego também a imagem do meu avô sentado numa cadeira, com um lenço verde nas mãos e um pente no bolso da camisa. Aquilo que a gente se lembra, ainda vive?

Acho que o teatro é uma arte viva exatamente porque não tem como se proteger do tempo. Ele morre todo dia. Restam cartazes, folha de sala, cenários, figurinos, fotos e até vídeos. Mas...as marcas do nosso encontro ainda não conseguiram imortalizar. Ainda não tem como fazer download de nós quando já não estivermos mais aqui. E é o corpo quem nos lembra disso!

Como um corpo, cada espaço cênico é único, tem identidade própria, mesmo que repliquem milhares de salas com palco italiano por todo o mundo, cada sala é um corpo, pode....

[descreve o corpo de espectadores, roupas e objetos que usam]

Por favor, venham comigo, quero lhes apresentar o meu corpo.

AÇÃO III – O espaço cênico e o corpo

[Abre o pano para que público adentre o espaço cênico, performer caminha até o meio da sala, conversa com as pessoas]

Sempre que eu olho para um espaço como esse fico imaginando tudo que cabe aqui, tudo que já aconteceu e ainda pode acontecer. Aqui, movemos juntos tempo e espaço. O tempo aqui *[toca o chão]* quase nunca é o mesmo tempo daí *[toca o pulso/relógio]*. Me encanta nessa sala as janelas, por onde podemos ver o céu, é um cadinho de horizonte a nos visitar. E a palavra horizonte poderia ser também o nome de espaços como esse.

[sobe na cadeira e escreve HORIZONTE na janela da outra lateral da sala]

Na terra de onde venho, temos lutado muito pra não perder o horizonte nesses tempos de política da morte.

[caminha pela sala mostrando alguns detalhes]

Aqui, algum artista escreveu algo de giz e depois passou um pano úmido deixando esse borrão.

O que você vê aqui? *[espera alguém comentar, depois vai repetindo o desenho com o próprio corpo na parede ao lado do desenho]*

Acho que foi a primeira coisa que me chamou a atenção nessa sala, é um corpo cumprimentando alguém? Ele tá feliz, triste ou desesperado? São tantas possibilidades. Me contaram que foram apagar o desenho com um pano molhado de álcool e queimou a tinta e o desenho não desapareceu, agora, só pintando a sala novamente, mas, isso não irá acontecer.

Quando cheguei, as janelas estavam todas tampadas, como essa aqui. Eu pedi para tirarem, me interessei por tudo que revela o espaço e o conecta com a vida lá fora, aquelas casas lá no bairro Formiga, aquelas duas torres que já não tem rede elétrica e

continuam existindo, as copas das árvores, os telhados... a paisagem. [*começa a colocar cadeiras no espaço para público se sentar*]

Como a Euricléia, fico aqui tocando cada marca.

Vamos fazer uma roda aqui, podem pegar cadeiras ali naquele canto.

[*senta numa cadeira*]

Um amigo do Porto me contou que o avô dele trabalhou aqui na Central Elétrica, mas, ele era daltônico, então, para não fazer as ligações dos fios errado, trazia um dos filhos que lhe ajudava com as cores.

Já os meus fios, estão ficando todos da mesma cor, já não oferecem risco de curto-circuito. Cada dia que eu entro no banheiro é tão estranha a sensação de encontrar um novo pelo branco no meu corpo. Começou pela barba, depois cabelos, depois meu peito, agora é por toda parte e nem pintando novamente eles vão desaparecer. É assustador ver o tempo se inscrevendo no meu corpo de uma maneira inadiável. E esses dias nasceu um pelo branco na barba do meu marido, o João é 12 anos mais novo que eu. De repente me vi olhando pra barba dele e pensando que, talvez, estar casado com alguém seja também testemunhar os pelos brancos que nascem no corpo de quem está dividindo a vida com você. O tempo ali como uma costureira bordando o corpo que você pode tocar.

Uma amiga que já é casada há mais de trinta anos teve um problema de saúde muito grave no intestino e precisou fazer uma cirurgia que deixou uma cicatriz enorme. Me contou que depois disso tinha muita dificuldade de se olhar no espelho, de ser tocada, tinha vergonha do seu corpo. E tem uma parte dessa história que eu adoro, ela tinha um amante, um dia, ele levantou muito devagar o vestido dela e foi beijando cada parte da cicatriz, dizendo que eram as marcas de estar viva.

Carregamos cicatrizes e também as partes nossas que morrem primeiro. Um canal no dente é a morte do dente, ele fica na sua boca, mas, não sente mais nada. Agora, foi a pele do meu pé esquerdo que perdeu um pouco da sensibilidade, um problema nas vértebras da lombar, também chamadas de L, como essa sala. Aliás, se vocês pudessem me abrir, encontrariam linhas e parafusos, como essas paredes...

[*mostra as radiografias, fala do fêmur e joelho costurado*]

E todo dia me deparo com uma nova rachadura, vidro quebrado, ferro enferrujado, vazamento, mancha, sinais brancos. Me assusta: como vai ser o futuro?

[*luzes se apagam*]

Envelhecer é caminhar para a morte ou para uma liberdade jamais vivida? A psicóloga disse que eu tenho preconceito contra a vida, porque envelhecer é percorrer a vida. Ainda não tenho respostas, estou vivendo a infância da velhice, como quem dá os primeiros passos, carrego medo e desejo. Quando vejo artistas mais velhos criando, é como se o deus Pã estivesse diante de mim tocando sua flauta. Será que no futuro vou conseguir ter a energia necessária para seguir soprando a flauta? Haverá alguém sentado aí numa dessas cadeiras interessado em me ouvir? O que posso dizer hoje é que tenho muito, mais muito medo do fim. O meu antídoto tem sido olhar para artistas mais vividos e me banhar nas suas águas, perceber que de mãos dadas com o tempo bordaram livros, filmes, canções...

Se envelhecer é o horizonte que tenho pela frente, me vejo diante de uma paisagem que tem o Manuel de Oliveira fazendo um filme aos 95 anos, tem o Saramago debaixo de uma árvore escrevendo um livro aos 87, a Agnés Varda está olhando o mar e

criando o roteiro do documentário que fez aos 90, a Elza Soares, a mulher do fim do mundo, está no alto de uma montanha, o sol vai se pondo e ela canta, canta até o fim.

[projeções no pano branco que divide o espaço, imagens que se misturam, rosto das pessoas citadas, fotos do performer com aquele filtro de envelhecimento].

AÇÃO IV – AQUILO QUE SOBRA

Essa é a minha avó, aquela que guardou os sapatinhos. Eu passei com ela a sua última noite viva, ela na cama de um hospital, já muito debilitada, quando anoiteceu, me pediu que eu fizesse uma oração no seu corpo todo. Acho que foi a última coisa que eu pude fazer por ela, uma cena que nunca tinha imaginado, porque o fim é sempre imprevisível. Me senti como um velho curandeiro a tocar o seu corpo como quem abençoa e se despede.

Nesses dias, trabalhando nessa sala, acho que vivi algo parecido.

[filme da propaganda da empresa que vai demolir o espaço]

A empresa Ginkgo Advisor, que trabalha com a Regeneração Urbana Sustentável, comprou esta área em que estamos. Tudo isso será demolido e um novo empreendimento imobiliário mais contemporâneo vai emergir às margens do Douro. Porque a cidade está sempre mudando de corpo e de preço. Então, passar os meus dias aqui foi também como tocar este corpo pela última vez.

[Entra a música Em Tempo de Adeus, na voz de Nara Leão. O performer caminha até a porta com uma vasilha e panos e limpa a porta como quem a prepara para a morte]

AÇÃO IV – AQUILO QUE SOBRA

[Depois de limpar a porta, o performer abre e faz sinal para que as pessoas entrem no outro ambiente. Ele caminha até o fundo da sala e sobe numa escada. Vai se despindo e mostrando as cicatrizes e suas histórias e ao mesmo tempo mostrando objetos da sala e às peças aos quais se relacionam]

1- Tirando a parte de cima:

pelos brancos no peito, rugas e sinais de expressão acentuados,

[virando-se de costas] discopatia degenerativa por desidratação discal em L4-L5, abaulamento discal difuso.

2 – Tirando a calça:

Fratura do fêmur com osteossíntese do colo femoral direito.

Artroscopia do joelho direito com retirada de 75% do menisco medial

Artroscopia e sutura do menisco medial esquerdo com condropatia grau 1

3 – Tirando a cueca:

Cirurgia de hérnia inguinal do lado direito. Alergia à anestesia peridural que resultou em 2 paradas respiratórias e o paciente precisou ser reanimado.

Podemos atear fogo
À memória da casa
Desaprender um idioma
Palavra por palavra
Podemos esquecer uma cidade
Suas ruas pontes armarinhos
Aramazéns guindastes teleféricos
E se ela tiver um rio
Podemos esquecer o rio
Mesmo contra a correnteza
Mas não podemos proteger com o corpo
Um outro corpo do envelhecimento
Lançando-nos sobre a lembrança dele

Esse galpão está com medo do porvir e eu também.

Miriam Goldenberg

VELHOFOBIA – pânico de envelhecer

VELHOEUFORIA – faz tudo que sempre quis e não tinha coragem de fazer

VELHOALFORRIA – vivem o envelhecimento como uma libertação das prisões sociais e familiares.